

A formação do analista: do algo(z)ritmo ao aguçoso ritmo da po-ética repentista¹

Isabela Cristina Batista Ledo Carapeto

Resumo

O ensino lacaniano é atravessado por um esforço na criação de estratégias para que a formação do analista não se sufoque em câmaras de eco. Tal desafio parece redobrar-se nessa era de algo(z)ritmo, em que os mecanismos de fechamento da linguagem, com suas bolhas autorritualizadas, tornam-se ainda mais perversos e afetam nossos modos de fazer laço e de produzir saber. Do empuxo à tecnificação da experiência, por meio da “produção de conteúdo”, uma resposta pela via da “produção de uma forma” singular, ética, no laço ainda pode ser a velha novidade mais potente. Se as análises têm seus fins, mas a formação permanece, como organizá-la de modo a recriar condições para que possamos seguir atravessados pela experiência, e não para que produzamos senhores dela? Como um analista pode, do imperativo do prescrito, fazer surgir o escrito em sua função, como uma espécie de meio de transporte, pelo qual uma língua viva tem a chance de fazer um saber móvel viajar? Para dar tratamento a essas questões, o trabalho avança na aposta de como saberes da oralitura, tal qual a poética repentista, podem ensinar sobre uma posição ética de abertura ao Real da língua, que interessa à formação analítica. Do algoz ritmo ao ritmo aguçoso da poética repentista, do repetir ao arrepentir, são passagens que se desdobram para tentar dizer como uma formação organizada em torno de um exercício de uma sensibilidade pode nos abrir mais chances de romper com as artimanhas claustrofóbicas da algoritmização do saber desses tempos.

Palavras-chave:

Formação do analista; Era digital; Psicanálise; Poética; Transmissão.

¹ Texto apresentado na modalidade oral no XXV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), com o tema “A formação do analista: urgência da nossa época”, em outubro de 2025.

The analyst's formation: from algo(z)rhythm to the sharpened rhythm of repentista po-ethics

Abstract

Lacanian teaching is traversed by an effort to create strategies so that the analyst's formation does not suffocate within echo chambers. This challenge seems to intensify in the era of algo(z)rhythm, in which mechanisms of linguistic closure, with their self-ritualized bubbles, become even more perverse and affect our ways of making bonds and producing knowledge. Against the push toward the technification of experience through "content production," a response via the "production of a form," singular and ethical in the bond, may still be the most powerful old novelty. If analyses have their ends, but formation remains, how can it be organized so as to recreate conditions in which we continue to be traversed by experience rather than becoming its masters? How can an analyst, from the imperative of the prescribed, make the written emerge in its function as a kind of means of transport through which a living language gives a mobile knowledge the chance to travel? To address these questions, this work advances by wagering on how knowledges of orality, such as repentista poetics, can teach about an ethical position of openness to the Real of language that matters to analytic formation. From executioner rhythm to the sharpened rhythm of repentista poetics, from repeating to improvising, these passages unfold in an attempt to show how a formation organized around the exercise of sensibility may open greater chances of breaking with the claustrophobic ruses of the algorithmization of knowledge in our time.

Keywords:

Analyst's formation; Digital age; Psychoanalysis; Poetics; Transmission.

La formación del analista: del algo(z)ritmo al ritmo afilado de la po-ética repentista

Resumen

La enseñanza lacaniana está atravesada por un esfuerzo por crear estrategias para que la formación del analista no se asfixie en cámaras de eco. Este desafío parece intensificarse en la era del algo(z)ritmo, en la que los mecanismos de cierre del lenguaje, con sus burbujas autorritualizadas, se vuelven perversos y afectan nuestros modos de hacer lazo y de producir saber. Frente al empuje hacia la tecnificación de la experiencia mediante la "producción de contenido", una respuesta por la vía de la "producción de una forma" singular y ética en el lazo sigue siendo la vieja novedad más potente. Si los análisis tienen sus fines, pero la formación permanece, ¿cómo organizarla para

recrear condiciones que permitan seguir siendo atravesados por la experiencia y no convertirnos en sus señores? ¿Cómo puede un analista, a partir del imperativo de lo prescrito, hacer surgir lo escrito en su función como medio de transporte por el cual una lengua viva haga viajar un saber móvil? Para tratar estas cuestiones, el trabajo apuesta a cómo los saberes de la oralitura, como la poética repentista, pueden enseñar una posición ética de apertura al Real de la lengua que interesa a la formación analítica. Del ritmo algoz al ritmo afilado de la poética repentista, del repetir al repentear, se despliegan pasajes que intentan decir cómo una formación organizada en torno al ejercicio de una sensibilidad puede abrir más chances de romper con las artimañas claustrofóbicas de la algoritmización del saber de nuestro tiempo.

Palabras clave:

Formación del analista; Era digital; Psicoanálisis; Poética; Transmisión.

La formation de l'analyste : de l'algo(z)rythme au rythme aigu de la po-éthique repentista

Résumé

L'enseignement lacanien est traversé par un effort visant à créer des stratégies afin que la formation de l'analyste ne s'asphyxie pas dans des chambres d'écho. Ce défi semble s'intensifier à l'ère de l'algo(z)rythme, où les mécanismes de fermeture du langage, avec leurs bulles autoritulisées, deviennent pervers et affectent nos manières de faire lien et de produire du savoir. Face à la poussée de la technicisation de l'expérience par la « production de contenu », une réponse par la « production d'une forme » singulière et éthique dans le lien peut constituer la plus puissante des vieilles nouveautés. Si les analyses ont leurs fins, mais que la formation demeure, comment l'organiser de manière à recréer les conditions pour que nous restions traversés par l'expérience, plutôt que d'en devenir les maîtres ? Comment un analyste peut-il, à partir de l'impératif du prescrit, faire surgir l'écrit dans sa fonction comme moyen de transport par lequel une langue vivante donne à un savoir mobile la chance de voyager ? Pour traiter ces questions, ce travail parie sur la manière dont les savoirs de l'oralitura, tels que la poétique repentista, peuvent enseigner une position éthique d'ouverture au Réel de la langue, essentielle à la formation analytique. De l'algoz-rythme au rythme aigu de la poétique repentista, du répéter au repentir, se déploient des passages visant à dire comment une formation organisée autour de l'exercice d'une sensibilité peut ouvrir davantage de chances de rompre avec les ruses claustrophobes de l'algorithme du savoir de notre temps.

Mots-clés :

Formation de l'analyste ; Ère numérique ; Psychanalyse ; Poétique ; Transmission.

De que serve o anelão
Qui esses doutô tem no dedo,
Se de uma impruvisação
Eles não sabe o segredo?
As escola, a academia
Faz doutô de todo jeito:
Faz doutô de engenharia
Doutô juiz de direito
Doutô pra curar duença,
Faz inté doutô dentista.
Mas, nunca há de fazê
Um doutô sai de lá,
Formado em puisia
Num poeta repentista
(Zé da Luz, 1962, citado por Belintane, 2008)

O ensino lacaniano é atravessado por um esforço na criação de estratégias para que a formação do analista não se sufoque em câmaras de eco. Tal desafio parece redobrar-se nessa era de algo(z)ritmo, em que os mecanismos de fechamento da linguagem, com suas bolhas autorritualizadas, tornam-se ainda mais perversos e afetam nossos modos de fazer laço e de produzir saber. Na arena virtual, a formação analítica aparece no centro de disputas mercadológicas, como uma questão de “endereço” ao alcance de um clique. Muda-se de “endereço”, mas encontra-se a mesma lógica de normatização da experiência e da inflação de uma cultura narcísica. Como deslocar da ideia de “encontrar um lugar de formação” para a de “produzir um lugar (ético) de/na formação”? Do empuxo à tecnificação da experiência, por meio da “produção de conteúdo”, uma resposta pela via da “produção de uma forma” singular, ética, no campo das relações ainda pode ser a velha novidade mais potente.

Quando Freud (1926/1976) e Lacan (1973-1974/2018) propõem a experiência analítica como principal modo *de formar-se*, não se trata de uma adesão missionária à análise, mas de uma aposta em uma formação refundada, a cada vez, como um lugar de experimentação com aquilo que, da linguagem, não é doutrinável, nem racionalizável. Essa dimensão maternal da língua, que não se dobra à comunicação, oculta-se na forma bestial, *burrocrática*, como nos escolarizamos pela via da decodificação do sentido (Lacan, 1973/2003) e retorna como impasse em uma formação analítica. Se as análises têm seus *fins*, mas a formação permanece, como organizá-la de modo que se recriem condições para que possamos seguir atravessados pela experiência, e não para que produzamos senhores dela?

Do já descrito dos textos, do empuxo atual ao prescrito, como extrair o escrito, em sua função? Escrito que não se confunde com arquivo morto, mas é meio de transporte pelo qual a língua viva, como acontecimento, tem a chance de fazer um saber móvel viajar (Lacan, 1973/2003). A função do escrito, no discurso analítico, seria de *fazer surgir* o que do significante não se articula ao sentido (Lacan, 1972-1973/2010). Um operador de corte, de furo, que se vale de uma estrutura rítmica e pega as palavras pelas asas (Valéry, 2007), deixando à mostra o que delas vaza.

Trago, assim, o ritmo aguçoso da poética repentista pelo que ela nos ensina sobre uma posição ética de abertura em relação ao Real da língua. É válido mencionar que essa alusão ao repente não se dá no nível de sua forma literária estabilizada, com suas métricas, mas no nível das condições que sustentam sua origem: uma prática oral de confronto improvisado, anterior à formalização técnica. Interessa, assim, o regime de enunciação aí em jogo: ao não se valer de uma leitura escolarizada, sustenta-se em uma linguagem escrita no ar, na (h)oralidade do encontro. Escuta sensível, fala entoada, desenha paisagens sonoras de um ser(tão) que se furta ao sentido unívoco. Da *trouvoada*, o estrondo é grande, e faz ressoar ao vento, em versos ericados, o sopro do fole, o oco do fôlego, tangendo palavras fatigadas. A sós, *ossos* assoviam, *olhos* ondulosos tropeçam em *pés* que descompõem *a-língua*, desembocando em outra geo-grafia, em uma *corpografia*. *Atravessados* pelos coaxos dos riachos em ribanceiras, letras rasteiras rastejam pelos brotos das bromélias na brenha do chão, para a beira d'ouvido, calanguear. Saber-fazer da caatinga cantiga. *Violar* cantinelas de sentidos calejados.

Não evoco aqui a abolição do sentido, mas um saber se virar com sua suspensão provisória, sustentando a possibilidade de que algo se diga antes que um sentido esteja garantido. A poética repentista é aludida como índice de um campo mais amplo — o que Martins (2021) nomeia saberes da oralitura —, por meio do qual se pode extrair uma posição ética: inventar, no curso da língua, os meios de responder. Trata-se menos de exaltar um fora da significação do que de desalojar o privilégio da letra gramatizada como única via de formação, abrindo espaço para uma experiência em que o corpo, o ritmo, as sonoridades, a escuta participam da produção de um arejamento do saber. Um saber ventilado, o qual se trama no trespassado das epistemes, que têm “o cheiro do vinho das uvas frescas do Lácio”, com aquelas que têm “a cor de Inácio, da serra da catingueira, um cantador de primeira que nunca foi numa escola...” (Cordel do fogo encantado, 2001). Bordado roto, que faz de qualquer modo de dizer vendido como *oficial* um trapo, uma trapaça perante a grande *oficina* que é a língua — algo vivo, que se desfaz e se refaz em uma costura coletiva, pelos matizes atemporais das diferenças, dos desvios.

Como, no estudo tão fundamental para nossa práxis, recuperar tal dimensão oficineira, artesanal, um *pensar com as mãos*, como Garcia (2025) tão bem recu-

pera em seu livro, ou, ainda, um *pensar com os pés*, nos termos de Lacan (1975)? Como cada um, em sua pesquisa, topa desacomodar-se dos automatismos teóricos, dos vícios languageiros, das ofertas virtuais de atalhos que todo campo de conhecimento vai nos impondo, inclusive aqueles que prometem nos tirar daí, como a psicanálise? Promessa que poderá ou não se realizar, a depender do modo ético como nos posicionamos para tornar o saber psicanalítico operativo, apostando que o que está em jogo não é só a extração de um conteúdo, de um léxico, mas uma experimentação, um fazer com... fazer que se areje ao soçobrar o alicerce da razão... e escancarar os efeitos de quando “as palavras tiram o chão de debaixo de nós” (Barros, 2013, p. 53), fazendo-nos sentir que não somos senhores em nossa própria língua. Talvez, por essa via sensível, a formação analítica possa deixar-nos mais advertidos das clausuras do sentido, oferecendo outra condição para transitarmos pelas redes sociais, pelas praças, pelas universidades, pelos consultórios, pelas instituições psicanalíticas ou não, pelo teatro, pelos textos de campos diversos e do nosso próprio.

Aposto, assim, que uma formação organizada em torno de um exercício de uma sensibilidade² pode nos abrir mais chances de romper com as artimanhas clausrofóbicas da algoritmização do saber desses tempos. Parece urgente que cada um que se proponha sustentar a chance do discurso analítico possa produzir meios singulares de afiar a tal sega cortante da verdade do *campo aberto* por Freud (Lacan 1964/2003), fazendo ressoar aí os *versos feito a foice!* Esse gesto po-ético inaugural da psicanálise, que precisa ser *repe(n)ti(a)do*, para que *as palavras voltem a cortar*³ e a alargar as possibilidades de um encontro mais diverso.

Referências bibliográficas

- Barros, M. de. (2013). *Ensaaios fotográficos*. In M. de Barros. *Obras completas*. São Paulo: LeYa.
- Belintane, C. (2008). Vozes da escrita: em tempos de crianças e menestréis. *Estilos da Clínica*, 13(25).
- Cordel do fogo encantado. (2001). *Cordel estradeiro* [música]. Rec-Beat Produções Artísticas.
- Duvivier, G. (2024). *Céu da língua* [peça teatral; texto e atuação: Gregório Duvivier; direção e dramaturgia: Luciana Paes]. Apresentado em 2025, Brasil.

2 Aposta experimentada, principalmente, entre os laços de um cartel de poética, “Noite, mar ou distância?”; do coletivo Esternas, extensão da rede de pesquisa Lógica e Poética; bem como dos seminários Ressonâncias (Poéticas) da Palavra e Tomar a Palavra: Enlace do Falasser?, no Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP).

3 Alusão à expressão ouvida na peça de Gregório Duvivier (2024).

- Freud, S. (1976). *Análise leiga* (A. Cabral, Trad.). In J. Strachey (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 179-250). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Garcia, M. (2025). *Pensar com as mãos*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Lacan, J. (1975, 2 de dezembro). *Conferência no MIT* [palestra não publicada]. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology.
- Lacan, J. (2003). Ato de fundação da Escola Freudiana de Paris. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 45-75). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2003). Posfácio ao seminário 11. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro XX: encore*. Rio de Janeiro: Escola da Letra Freudiana [edição não comercial]. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2018). *Os não-tolos erram / os nomes do pai: seminário 1973-1974* [recurso eletrônico]. Cachoeirinha: Fi. (Trabalho original publicado em 1973-1974)
- Martins, L. M. (2021). *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Valéry, P. (2007). *Variedades* (M. M. de Siqueira, Trad.). São Paulo: Iluminuras.

Recebido: 13/01/2026

Aprovado: 30/03/2026